O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JANEIRO/2011 - ANO XIII - Nº 168

EDITORIAL

O editorial deste mês não poderia ficar indiferente à novidade que o Brasil experimenta desde 1º de janeiro: o país governado pela primeira vez por uma mulher escolhida democraticamente por voto direto pelos cidadãos. Este é um fato inédito na história da República.

Essa conquista não foi fácil. Nossa sociedade, desde os tempos coloniais, foi conduzida por homens. O modelo de família patriarcal relegou às mulheres um papel secundário. No entanto, elas vêm, ao longo dos anos, buscando conquistar um espaço de liderança nos diferentes setores da sociedade. O cenário de dominação masculina está começando a mudar, pois não é o gênero que importa, mas a qualificação da pessoa.

A nova presidente é classificada como durona, rígida, séria, competente, inteligente, extremamente dedicada ao trabalho. Implacável com quem enrola e exigente com os subordinados. Características extremamente necessárias para se promover mudanças no país.

Em seu discurso de posse, a presidente eleita registrou que em seu governo a luta mais obstinada será pela erradicação da pobreza extrema e a criação de oportunidades para todos. Afirmou, também, que será rígida na defesa do interesse público. E que não haverá compromisso com o erro, o desvio e o malfeito. A corrupção será combatida permanentemente e os órgãos de controle e investigação terão todo respaldo para atuarem com firmeza e autonomia.

Na segunda semana de seu governo, um desastre natural chocou o país. A presidente foi ao local se solidarizar com as famílias das vítimas das enchentes e soterramentos. Dilma sabe que é estupidez culpar as chuvas. A responsabilidade é do fiscal, do secretário e do prefeito, que foram corruptos ou omissos ao permitirem a ocupação ilegal de áreas de risco.

Que a presidente aproveite este primeiro desafio a que é submetida para demonstrar que foi eleita para mudar e fazer a diferença. Que faça o que tem que ser feito para o bem do Brasil e dos brasileiros!

O aumento do volume e da intensidade das chuvas, atribuído às mudanças climáticas globais, provoca também maiores enchentes e deslizamentos de terra, como os ocorridos nas serras fluminenses neste janeiro, que ceifaram a vida de centenas de pessoas e causaram prejuízos e transtornos incalculáveis.

Mortes anunciadas

O temporal que atingiu a região serrana do Rio de Janeiro neste início de janeiro já é o maior desastre natural no país.

O número de mortes ultrapassa 600. A presidente eleita do país, Dilma Rousseff, visitou a região devastada pelas chuvas e avaliou que o momento vivido pelos moradores é "dramático" e as cenas que presenciou "muito fortes".

A presidente alertou que a prevenção contra novas tragédias terá de ser levada em conta pelas autoridades. Dilma falou ainda que no Brasil a construção de moradias em áreas de risco é a regra, não a exceção. "Quando não se tem políticas de habitação, a pessoa que ganha até dois salários mínimos vai morar onde? Vai morar onde não pode." Afirmou também que é necessário articular políticas para solucionar o problema das ocupações em áreas de risco. "Geralmente, olham pra questão da Defesa Civil e acham que são problemas pontuais. Mas a prevenção não é uma questão de Defesa Civil apenas, ela é uma questão de saneamento, drenagem, política habitacional."

Nos últimos anos temos assistido ao aumento da incidência, do volume e intensidade das chuvas atribuído às mudanças climáticas globais. Consequentemente, observam-se maiores enchentes e deslizamentos de terra como os ocorridos nas serras fluminenses, que ceifaram a vida de centenas de pessoas e causaram prejuízos e transtornos incalculáveis.

Infelizmente, essas mortes são mortes anunciadas, pois vêm ocorrendo anualmente no país em diferentes áreas de vulnerabilidade. Já que temos esse dado sinistro, que os governos assumam as responsabilidades pela falta de investimentos na prevenção dessas tragédias. O que a sociedade não pode aceitar é que o aumento da incidência de chuvas sirva de desculpa para os governos não agirem na prevenção de enchentes. Se não se pode mudar o regime das chuvas, pode-se buscar os fatores não ligados a ela para se entender e prevenir desastres. Dizer que o problema é consequência das mudanças climáticas é fugir das responsabilidades, é desculpa dos governos para não se fazer nada. Nossas cidades crescem de maneira desordenada. Faltam políticas públicas e planos diretores. Nos municípios trabalha-se com o improviso. Nossos governantes são inconsequentes.

A questão das chuvas não pode ser tratada como algo esporádico. Com as mudanças climáticas, ela passou a fazer parte do cotidiano da vida das cidades. Todo o processo de edificação, de construção, de planejamento urbano, de sistemas de alerta tem que ser resultado de uma política pública voltada para convivência com esse dado da realidade.

Os mecanismos de fiscalização não funcionam. Basta olharmos à nossa volta para constatarmos o óbvio: é cada vez maior o número de construções em áreas de risco.

Imagem - Memória

Fotos arquivo Pro-Memória

Garotas da Cruzada Eucarística Infantil com seus garbosos uniformes e símbolos, em 1935. As Cruzadinhas participavam das missas e procissões e cantavam com muito entusiasmo o hino "Somos pequenos da Cruzada".

A Cruzada Eucarística Infantil de Piquete

A chegada do padre João Guimarães a Piquete, em 1934, foi um presente para a comunidade católica da Paróquia de São Miguel. Havia muitos anos a cidade não tinha um padre residente, de maneira que a assistência religiosa era deficitária. Jovem e cheio de ânimo, a chegada do padre João Guimarães trouxe novo alento para os paroquianos que, aos poucos, cresceram espiritualmente. Ele criou e fez florescer diversas associações religiosas.

Dentro da programação dos festejos do Mês de Maria de 1934, na Matriz de São Miguel, o padre João instalou, solenemente, em 30 de maio, a Cruzada Eucarística Infantil. Nessa ocasião receberam a fita vermelha de cruzados mais de 70 crianças de ambos os sexos. Houve, também, a bênção de uma bandeira, oferecida à Cruzada pelas meninas Zely, Didi e por José da Silva Ferreira. Essa nova associação religiosa da Paróquia foi instituída e erigida canonicamente por D. Epaminondas Nunes D'Ávila e Silva, bispo diocesano, por considerar o seu grande proveito espiritual para a comunidade.

A Cruzada Eucarística das Crianças era uma seção infantil do Apostolado da Oração, formada por meninos e meninas de todo o mundo católico, que buscava alcançar a conversão e a restauração cristã das nações. Chamava-se Cruzada porque, à semelhança dos antigos cruzados, na Idade Média, que foram ao oriente combater os infiéis e libertar a Terra Santa, procurava "libertar as almas e as nações do jugo do demônio". A proposta de sua criação germinou na França, em 1914, por ocasião do Congresso Eucarístico de Lourdes, para responder às aspirações do Papa Pio X de estimular a prática da comunhão nas crianças. Seu sucessor, o Papa Bento XV, criou, em 1916, a "Cruzada Eucarística das Crianças" ou "Cruzada Eucarística Infantil". Após o termino da Primeira Grande Guerra, em 1918, a Cruzada Eucarística Infantil disseminou-se pelos países, inclusive o Brasil, aqui chegando na década de vinte. Por volta de 1933, a Cruzada Eucarística contava com quase três milhões de associados por todo o mundo.

Em Piquete, a coordenadora da Cruzada Eucarística Infantil era a professora e catequista Leonor Guimarães. Popularmente conhecidos como "cruzadinhos" agrupavam-se meninos e meninas entre 7 e doze anos de idade. Eram acompanhados pelas catequistas, cuja preocupação era formá-los cristã e moralmente, contando com o suporte dos pais. Conforme o Livro do Tombo da Paróquia de Piquete, as crianças da Cruzada Eucarística, quando ainda em preparação para a Primeira Comunhão, pertenciam à categoria de aspirantes e se distinguiam por usar uma pequena fita em volta do pescoço, com uma medalha do Coração de Jesus na extremidade. Após a Primeira Eucaristia, os neocomungantes transferiam-se para a categoria de perseverantes, integrantes da chamada Cruzada Juvenil, notabilizados pela exibição de uma faixa que era disposta diagonalmente no tórax, partindo do ombro esquerdo e seguindo até o quadril direito, tendo na face anterior uma rosácea de pano com uma medalha.

Com o passar dos anos, o vermelho das fitas e insígnias foi substituído pelo amarelo ouro.

Os membros da "Cruzadinha" com seus garbosos uniformes e símbolos, participavam das missas e das procissões, e cantavam com muito entusiasmo o hino "Somos pequenos da Cruzada".

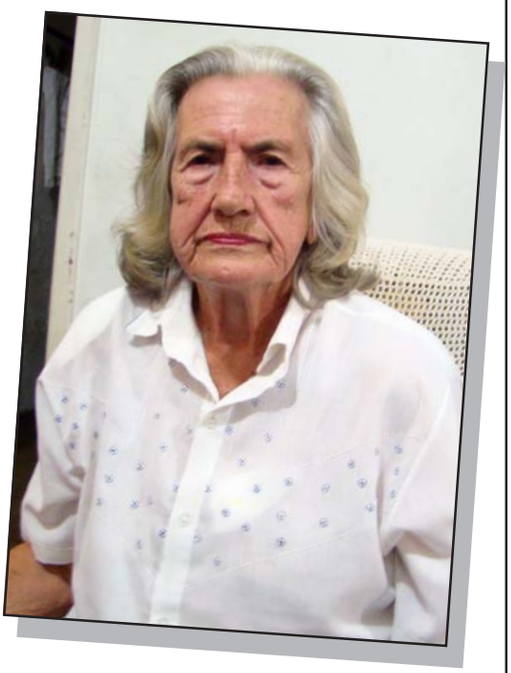
O grupo reunia-se aos domingos à tarde, quando a Presidente da Cruzada e suas colaboradores ministravam aulas de catequese. Também programavam a participação em festas religiosas, passeios, piqueniques e outras brincadeiras no largo da Igreja Matriz.

Após anos na Cruzada Eucarística, o grupo se dividia: os meninos passavam a frequentar a Congregação Mariana e eram conhecidos como "Marianos". Já as meninas passavam a frequentar o grupo das Filhas de Maria e assim eram conhecidas.

Todavia, o fim desse movimento aconteceu em meados dos anos 60. Em 1968, durante o papado de Paulo VI, mas sob a inspiração de João XXIII, a Cruzada ganhou a denominação de Movimento Eucarístico Jovem. Muitos ainda se recordam dos "cruzadinhos" que, com suas vozes, enchiam a nave da antiga Matriz com a música: "*Somos pequenos da Cruzada / Terna esperança do Senhor / Somos nós a geração formada / Na escola do nosso Deus de Amor...*"

GENTE DA CIDADE

Benedita Nunes



Mineira de São Gonçalo do Sapucaí, filha e neta de fazendeiros, Benedita Coelho Nunes nasceu na fazenda Gonguê, em 18 de dezembro de 1926. Os pais, José Coelho de Azevedo e Cornélia Maciel Coelho, tiveram quinze filhos. Dona Benedita é a 12ª.

Cursou a Escola Normal em sua cidade natal, onde lecionou por apenas dois anos. Em 1945, veio a Piquete para o casamento de um de seus irmãos. Era o terceiro irmão a se casar com a terceira irmã. Nessa ocasião, conheceu Antônio Luz Nunes, o quarto irmão que esposaria a quarta irmã dessa história. No período de três anos de namoro com Antônio Luz Nunes, os encontros foram raros devido à dificuldade para o pretendente chegar a São Gonçalo ou ela vir a Piquete. "Gastava-se um dia inteiro de trem", conta dona Benedita. Em 5 de maio de 1949, casaram-se em Aparecida e vieram morar na Fazenda Santa Isabel que o marido receberia por herança anos mais tarde.

Chegando a Piquete, dona Benedita logo fez amizade com inúmeras famílias. O jovem casal era benquisto em toda a cidade. Participavam ativamente da vida social de Piquete. A Santa Isabel era grande produtora de leite e criadora de cavalos de raça. Toninho Vilela tornou-se mestre na criação de gado leiteiro. Foi pioneiro na região na importação de reprodutores de gado holandês e inseminação artificial. "O dia-a-dia era muito agitado. Eu ajudava o Toninho na administração da propriedade. Quando da chegada de gado importado, hospedávamos técnicos holandeses por cerca de um mês em casa...", diz. Com seu plantel de gado ganhou inúmeros troféus em concursos da região.

Grande quituteira, dona Benedita é exímia doceira. Da cozinha da fazenda sempre recendia o cheiro adocicado de frutas que se espalhava pela casa. As atividades na fazenda eram intensas. A Santa Isabel estava sempre com suas porteiras abertas para os amigos e havia sete casas na propriedade para camaradas e suas famílias. Dona Benedita cita os padres Pedro Verdumen, João Hipólito, os coronéis Monte e Almir, o médico dr. Tibúrcio como grandes amigos e frequentadores da fazenda. Todos os anos, recebia uma romaria com mais de duzentos cavaleiros de São Gonçalo do Sapucaí; no caminho para Aparecida, paravam na fazenda "onde tinham oportunidade para um descanso, e eu lhes servia farto almoço". Muito católica, ela e o marido foram, por mais de dez vezes, festeiros de São Miguel. Seu Toninho arrumava todos os anos um curral para o leilão de gado, no local em que seria construída a nova matriz: "Ele corria a região e o Sul de Minas angariando garrotes...", conta orgulhosa. Sempre trabalhando em prol da comunidade, foram vários os leilões organizados com diversas finalidades: a construção da nova matriz e da Santa Casa de Piquete e a reforma da antiga matriz de São Miguel. "Perdi as contas de quantas vezes fui madrinha de casamentos e batizados em Piquete...". Dona Benedita conta "adorar uma pescaria". Sempre que podia, gostava de se aventurar às margens de uma represa, junto com as irmãs; "era uma deliciosa diversão".

Dona Benedita e seu Toninho tiveram quatro filhos e adotaram dois outros, que lhes deram quinze netos e cinco bisnetos. A figura de dona Benedita impressiona: passa a imagem de uma mulher forte e determinada. Aos 84 anos, rodeada por imagens da família, mantém a influência sobre os filhos e ainda acompanha a rotina dos netos e bisnetos. "Sempre valorizei a vida na fazenda e a união em torno dos mais velhos", resume. As famílias mais novas seriam mais felizes se tivessem à frente uma matriarca como dona Benedita à frente, que invoca o respeito e a união para impor-se.

Casamento de Toninho e Benedita Nunes, em 05/05/1949

Notas da Cidade

☑ ***Queima de fogos 2010***

À meia-noite de 31 de dezembro de 2010 aconteceu a tradicional queima de fogos no morro da Caixa D'água. O evento aconteceu sob o comando de Anderson Di Marchi, o popular Sugala, que há anos vem garantindo este espetáculo para os piquetenses. Parabéns!

☑ ***Jongo de Piquete na posse de Dilma***

O Jongo de Piquete esteve presente nos eventos comemorativos da posse da presidente Dilma Roussef, em Brasília, no dia 1º de janeiro.

A convite do Ministério da Cultura, por meio da Fundação Palmares, o Jongo de Piquete se apresentou na "Tenda do Sudeste" – uma das cinco tendas armadas na Esplanada dos Ministérios representando as regiões brasileiras. De São Paulo apenas dois grupos foram convidados: o Jongo de Piquete e a Comunidade Samba da Vela, da capital.

"Crimes de Responsabilidade dos Prefeitos"

Quando alguma fatalidade aflige a sociedade, seja um soterramento ou alagamento, muitas pessoas buscam culpar a Providência Divina.

Algumas das "catástrofes naturais" são, inegavelmente, provocadas pela incompetência ou descaso das autoridades. Para esses casos existem os crimes de responsabilidades dos prefeitos e vereadores.

O livro "***Crimes de Responsabilidade dos Prefeitos***" comenta e explica o artigo 1º do Decreto-lei n° 201, de 27 de fevereiro de 1967, que atribui carga penal aos problemas gerados pelo governo, ou pela falta dele.

A expressão "crime de responsabilidade", adotada nesse diploma penal, designa, no ordenamento jurídico brasileiro, a responsabilidade penal dos prefeitos por crimes atinentes ao exercício do cargo de chefe do Poder Executivo Municipal.

O livro "Crimes de Responsabilidades dos Prefeitos" examina, um por um, os vinte e três crimes de responsabilidade dos prefeitos.

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Dona Dilma já está aí!

Reprodução

Fala-se em expectativa. A ameaça inflacionária ronda a partir de vários países emergentes e a briga pelos salários está na pauta a ser discutida logo nos primeiros meses de 2011. O problema é o dos salários reais versus o aumento médio da produtividade na economia. Algo bastante complexo para ser enfrentado e contornado. Pois o que nos interessa como assalariados são as bocas dos caixas onde adquirimos o que nos permite sobreviver.

O desafio político inicial para Dilma Rousseff é a formação do conjunto ministerial para agradar o partido majoritário e o de apoio. Briga de forças vivas e instigantes. Intrigas à parte, e que são muitas, a composição se fez pelo menos para iniciar o governo. Os escândalos que perturbaram o governo Lula remanescem nas suas peculiaridades e inevitáveis consequências. As incertezas externas implicando mais no uso dos freios do que dos aceleradores. Afinal, o panorama externo é de preocupações. Sobreleva-se a China no modo próprio de se tornar hegemônica. Cumprem-se os prognósticos de alguns analistas famosos que, com muita antecedência, previram o avanço da China no século 21.

Dilma está sendo provocada pela ameaça inflacionaria, apesar de todas as leituras acalmadas nesse campo. Divergem, entretanto, os dados estatísticos fornecidos pelo governo (em torno de 5%) e os da Fundação Getúlio Vargas (11%).

Considerando-se os dados da FGV, a observação de que os fundos de investimentos, todos, perderam para a inflação, inclusive a poupança. Os dados oficiais, e não a chamada taxa da inflação real, mostram-se em contrário. Segundo a própria Fundação, os juros altos, de 39%, serão ou deverão ser a grande preocupação do início do novo governo.

O Programa de Aceleração do Crescimento exige montantes financeiros de difícil condução pelo setor público (o Tesouro) e o BNDS (Banco Nacional de Desenvolvimento). Enquanto isso, as variações das cotações das principais moedas do câmbio internacional têm uma dança vertiginosa e cheia de perigos. No governo de Lula, a questão cambial não foi usada como instrumento de controle de preços. As mudanças no direcionamento do Banco Central implicarão, provavelmente, em novas proposições. Além disso, a prometida pauta de reformas anuncia-se turbulenta pelos altos custos políticos, além da sempre presente questão eleitoral.

Pois bem. Uma mulher no poder. Sem, entretanto, o carisma do que deixa o governo. A construção da imagem é um projeto complexo. As leituras da imagem mais ainda. ***Dóli de Castro Ferreira***

Bagagem linguística

A criança que completa quatro anos até 31 de dezembro deve, no ano seguinte, ser matriculada na classe que promoverá os ajustes para que, nas relações da vida escolar, a mediação verbal se dê a contento – isto é, a criança entenda e se faça entender.

Vale insistir que, durante o ano letivo, a criança completará cinco anos e não será alfabetizada.

A recepção dever ser simpática tanto quanto possível. A diretoria, o corpo docente, o corpo técnico e os funcionários que, no dia a dia, serão responsáveis pelo bem-estar da criança devem ser apresentados à medida que vão aparecendo no cenário – a criança não é uma intrusa, a escola existe porque ela existe; a escola foi feita para a criança e não a criança para a escola.

Toda a comunidade escolar, principalmente o professor responsável pela classe fará com que a criança se sinta identificada e respeitada.

O maior defeito que uma classe escolar pode apresentar é ficar dividida em atores e espectadores. Sempre haverá alunos mais desinibidos, mais interessados, que apresentem maior vivacidade. O que não pode ocorrer é que eles ocupem o palco e os demais exerçam o papel de plateia. A classe deve movimentar-se no sentido de que todos sejam protagonistas.

Com a idade estabelecida, todas as crianças são competentes na língua materna. Agora, o fluxo natural do enriquecimento deve continuar, respeitadas as fragilidades e as facilidades.

Por exemplo: um aluno que tenha dicção imperfeita – se ficar sempre calado, o professor não vai descobrir. Identificado o problema, poderá corrigir com exercícios para toda a classe; se houver gravidade no caso, poderá efetuar o encaminhamento ao profissional da área.

Na declamação de um poema, todos realizarão o exercício; se o poema for cantado, cada um terá sua vez de cantar; se houver dramatização, vários grupos serão formados de acordo com o número de personagens.

Cabe aqui lembrar a importância dos coros cantados e falados (coros gregos) e dos jograis.

Ficarão também em relevo as consagradas brincadeiras infantis que envolvem danças, trava-línguas, parlendas e exercícios miméticos reais ou de sombra.

A contação de estórias já faz parte da vida da criança. Filmes e espetáculos de teatro, apresentados na escola ou fora dela e presenciados por toda a classe, são fontes preciosas para a captação de enredos e enriquecimento de vocabulário.

Pouco a pouco, os campos de significado, campos semânticos vão-se instalando naturalmente. São vocábulos que indicam cor, tamanho, temperatura, tempo, cheiro, gosto, prazer, desconforto.

E para coroar todo o esforço, ouve-se, no meio da nobre assembléia, a célebre pergunta:

– Professora, que quer dizer aliás?

É a criança que já internalizou a função metalinguística da linguagem. Ela já tem um instrumento para enriquecer a sua bagagem linguística. ***Abigayl Lea da Silva***

Jardim da Infância em Piquete, em 1945

Fotos arquivo Pro-Memória

Fotos Arquivo Pro-Memória

Áreas de risco em Piquete: quem avisa amigo é!

O ano de 2011, como os anteriores, está começando com acontecimentos trágicos. A catástrofe natural ocorrida na região serrana do Rio de Janeiro é uma triste demonstração do que pode acontecer na maioria dos municípios de nosso país se houver uma intensa precipitação pluvial, como lá ocorreu.

Há uma grande parcela da população brasileira morando em áreas de risco, regiões onde não se recomenda a construção de casas ou instalações devido à perigosa exposição a eventos naturais.

Em Piquete, a realidade não é diferente: uma porcentagem bastante elevada da população habita locais inadequados. Muitas famílias convivem diariamente com o risco de um desastre natural, a maioria delas com baixa renda e pouquíssima possibilidade de se mudar para locais mais seguros às próprias custas, dependendo, portanto, de iniciativas do poder público.

As áreas de risco de nosso município estão todas mapeadas: o estudo foi realizado pela Secretaria de Desenvolvimento do Estado de São Paulo, por intermédio do Programa Tecnológico dos municípios (PATEM). O laudo que foi entregue à Prefeitura Municipal de Piquete, no dia 22 de dezembro de 2009, pela Secretaria de Desenvolvimento do Estado, realizado pelos técnicos do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas), aponta quais são os locais mais perigosos e quais as medidas a serem tomadas pelo poder público municipal para a resolução de problemas como enchentes, erosões, escorregamentos e solapamentos de margens fluviais. Os pareceres técnicos trazem também um plano de macrodrenagem das águas das chuvas.

Na prevenção aos desastres naturais, que podem acontecer a qualquer momento, muitas medidas estruturais precisam ser tomadas com urgência pelas autoridades municipais de Piquete, a fim de se proteger os cidadãos que se encontram ameaçados, conforme já foi informado à Prefeitura pelo laudo do IPT. Algumas são muito dispendiosas e exigem capacidade política para se adquirir recursos, e competência administrativa para fazer com que os recursos efetivamente se transformem em benefício para a população. Medidas mais simples também são de grande valia como fiscalização de novas construções, maior seriedade no combate ao parcelamento irregular do solo, sobretudo em terrenos íngremes e em área de manancial; reflorestamento de áreas degradadas, e, nos casos mais graves, remoção das famílias e construção de moradias populares em locais seguros. Até hoje pouco se fez em nosso município para que a população, sobretudo a de baixa renda, que mais frequentemente habita áreas de risco, seja protegida do grande perigo que a ameaça, principalmente no período das chuvas.

Esperamos que as notícias que correram o mundo sobre os fatos ocorridos na região serrana do Rio de Janeiro sensibilizem as autoridades de Piquete, que já foram avisadas pelos órgãos competentes sobre os riscos continuamente presentes na vida de grande parte de nosso povo, e motivem a implementação de políticas públicas capazes de sanar este real problema de nossa gente. Enquanto isso não acontece, nós que temos fé rezamos para São Pedro não mandar muita chuva e para São Sebastião nos proteger das tempestades. É o jeito!

Pe. Fabrício Beckmann

Legislando em causa própria

Ao apagar das luzes de 2010, no último dia 15 de dezembro, em Brasília, os deputados e senadores autorgaram a si mesmos um aumento salarial de 61,8%. Essa desfaçatez custará ao contribuinte – pois é ele quem paga esses salários – 136 milhões de reais no próximo ano. O pior de tudo é que essa irresponsabilidade detonou uma reação em cadeia de aumentos para deputados estaduais e vereadores de todo o país, que deve custar 2 bilhões de reais. Esse presente de fim de ano autoconcedido por nossos parlamentares é incompatível, sobretudo com a nação que eles representam e que lhes paga o ordenado. Pelos jornais tomamos conhecimento de que esses salários estão entre os maiores do mundo entre seus congêneres.

O aumento do salário dos parlamentares é um insulto ao brasileiro de qualquer classe, que labuta diariamente para ganhar o pão de cada dia e é bombardeado com impostos que comem a maior parte de seus rendimentos. Esse privilégio parlamentar concorre para reforçar a imagem negativa dos nossos políticos e a descrença da população com a classe política. Muitos então associam a imagem do político com corrupção, ladroagem, conchavos... A sucessão de escândalos nos últimos anos, protagonizados pelo Congresso Nacional, como o mensalão, os sanguessugas, o das vendas das cotas de passagens aéreas, os desvios no orçamento e, recentemente, os das emendas parlamentares no Ministério do Turismo para eventos que não ocorreram ou foram superfaturados e estão sendo investigados.

Enquanto isso, o país amarga um atraso no desenvolvimento na educação e na saúde, enquanto os índices de corrupção crescem.

O Brasil não pode permitir a tolerância da cultura do tráfico de influência, desvios de verbas públicas e bandidagem generalizada que hoje permeia o setor público desde as menores Prefeituras até os Ministérios.

Crônicas Pitorescas

O re... finado

Palmyro Masiero

Chegara do trabalho e sua mulher o avisou que haviam telefonado informando que fulano de tal, amigo dele, havia falecido.

– Poxa! Eu nem sabia que ele estava doente.

– Eu conheço? Interpelou a mulher.

– Creio que não. Servimos o Exército juntos e às vezes a gente se cruzava por aí... Sabe onde vai ser o velório?

– Não. Mas deve ser no Velório Municipal.

Preparou-se e foi para a Faculdade. Resolvera voltar a estudar, seguindo o velho lema. "Sempre é tempo...". Pelas onze horas tomou o destino do local onde a gente passa os últimos momentos de corpo presente (corpo duro e frio, mas presente aqui...), nessa orbe perdida na vastidão do espaço sideral (êta papinho furado pra encher espaço....). Chegou ao logradouro público menos atraente que existe e apenas em uma sala havia um caixão sendo velado.

Entrou e não reconheceu ninguém. Apesar de amigos de anos, nunca foram de visitar casa um do outro. Encontravam-se em alguns finais de semana, casualmente. Uma senhora empretada, amparada por duas carpideiras, compunham um trio soluçando saudade do insigne partinte. Devia ser a viúva... Pelas cadeiras, outras pessoas recostadas ou apoiadas em um braço, deixavam a noite rolar. Silencio... ouviam-se apenas os soluçares das mulheres...

Chegou perto do caixão com cara de dor (aquela que todos fazem até para defunto desconhecido) e tentou dar uma olhada última no ex-amigo através do vidro do ataúde fechado. Devia ser coisa grave a doença que acometera o homem para já estar lacrado – pensou ele... Mas não conseguia ver nada... Uma umidade no interior do esquife não lhe permitia ver o rosto do falecido. Ora, ponderou com seus botões, isso só pode ser efeito de respiração... Num zás passou pela sua cabeça que o homem lá dentro poderia estar vivo e respirando, naturalmente... Caso contrário, como explicar aquele bafo ali no interior? Não se conteve:

– Acho que ele está vivo!

Nem bomba de São João estourando quando a gente está distraído provocaria tanto susto... Todos, como se tivessem sido alfinetados, arregalaram os olhos e entreolharam-se. A viúva destrancou um choro alto e histérico que até os meio dormentes ficaram elétricos na hora... Sobressalto geral... Alguém comentou alto:

– Mas é impossível!

– Olhe pelo vidro o bafo que está lá dentro! Só pode ser de respiração – justificou o descobridor do fato.

Amontoaram-se em cima para ver aquilo em que não tinham posto reparo, naquele detalhe digno de um Sherlock Holmes... Uns saíram atrás do responsável pelo necrotério e começou uma discussão sobre o abre não abre... Choro lacrimoso da viúva de esperanças renovadas. O funcionário, tarimbado nesse negócio de gente que abotoou o paletó, entregou a responsabilidade aos donos da mercadoria... Desparafusaram a tampa e deram ar novo para "o" ou "ex" falecido. Do interior, exalou um bafejo forte, acre, que afastou os mais chegadinhos, advindo de flores que começavam a murchar e de... deixa pra lá. O morto continuava morto, durinho, durinho... A umidade do vidro fora provocada pelas flores que estavam dando seus últimos suspiros... Desilusão e choro realimentado da viúva que acabava de enviuvar pela segunda vez num mesmo dia...

O causador de esperanças perdidas, o amigo do ex-amigo, foi-se saindo de fininho... sem ninguém notar. É que quando viu a cara do falecido ali presente deu-se que não era a dele... Sombreou de leve...

Soube depois que o homem a quem queria prestar sua última homenagem estava no velório da Santa Casa. Lá chegou e, com o caixão aberto, pôde confirmar, satisfeito que ali, sim, estava o seu defunto...

Você sabia...

Que 8 de janeiro é o Dia do Fotógrafo?

E que a primeira fotografia reconhecida é uma imagem produzida em 1826 pelo francês Joseph Nicéphore Nièpce numa placa de estanho coberta com um derivado de petróleo fotossensível chamado Betume da Judéia? A imagem foi produzida com uma câmera, tendo sido exigidas cerca de oito horas de exposição à luz solar, num processo que Nièpce chamou "heliografia" ou "gravura com a luz do sol".

Eu sou tigre...

Edival da Silva Castro

Meus pais moraram na avenida General Carneiro, na cidade de Piquete, por vários anos. Nasci lá, na décima primeira casa.

Na minha idade, sempre ouvia papai proferir a expressão: eu sou tigre. Nunca quis saber o porquê, mas ficava encafifado. Supunha que o mesmo usava esse termo por destacar-se em alguma coisa; sabia que era vereador, inclusive Presidente da Câmara Municipal, presidente da Sociedade Beneficente do Pessoal da FPV. Então fui me acostumando com o dito.

E quando algum filho lhe perguntava o significado, ele respondia:

– Algum dia vocês vão saber; vocês são inteligentes!

Mais crescidinho, cheguei a fazer comparação com o felino: animal de porte grande, coloração amarelo-tostado, com barras negras sobre o corpo, belíssimo exemplar. Papai sempre fora alinhado, esbelto e desenvolto.

Habituando-me com a expressão, procurei deixar pra lá.

Como tudo passa, o tempo passou. Logo nos mudamos da avenida e fomos procurar novos horizontes. Papai continuava na política e às vezes voltava a dizer: o tigrão aqui... Até que tudo caiu no esquecimento.

Mais de sessenta anos passados, volta e meia encontro-me pensando: eu sou tigre. Oras, bolas! Por que papai se comparava a esse animal? Fora homem sério, trabalhador, gabaritado no que se propôs a fazer. Tigre por quê? Se o rei dos animais é o leão.

Um domingo desses, pela manhã, fazia a higiene mental balançando numa rede no alpendre da casa. O radinho portátil sintonizado numa rádio de Guaratinguetá, ouvia músicas de época. Meio na lombeira, ouvi quando o locutor deu o resultado da loteria federal. Enfatizou o resultado, visto a festa do padroeiro da sua cidade ter sido no sábado e o primeiro prêmio valia um carro zero. Ao dizer o resultado, foi repetitivo: o número sorteado fora 6688. O locutor disse ainda: a dezena é do tigre. Deu tigre na cabeça.

Imediatamente a expressão "eu sou tigre" voltou à tona. O número dado no prêmio pareceu-me familiar, bem conhecido. Procurei raciocinar a relação do resultado com a frase repetitiva que papai falava. Cheguei à seguinte conclusão: o número da matrícula do papai como funcionário público era simplesmente 1.306.668: aí estava a resposta; papai de fato era tigre.

A expressão "eu sou tigre" agora, depois de 60 anos, chegou ao fim.

Cidade de São Luiz do Paraitinga declarada Patrimônio Nacional

Em meio às montanhas da Serra do Mar, São Luiz do Paraitinga se destaca das demais cidades valeparaibanas por sua importância histórica e paisagem natural, pelo conjunto arquitetônico do século XIX e pela preservação de suas tradições e manifestações folclóricas.

Há um ano, em janeiro do ano passado, a cidade sofreu o pior desastre natural de sua história. Uma grande enchente destruiu parte de seu casario centenário, entre eles a Igreja Matriz de São Luiz de Tolosa. Esse grave acidente sensibilizou todos os que assistiram pela TV, ruir, tragada pelas águas do Rio Paraitinga, a Matriz da cidade. O que chamou a atenção do país nesse episódio foi o exemplo de cidadania mostrado pelos luisenses, que se mobilizaram para recuperar o seu rico patrimônio, cientes de sua importância. Os governos federal e estadual de imediato se colocaram juntos à prefeita municipal Ana Lúcia Bilard, para se reerguer a cidade.

A mobilização popular e a necessidade de preservar e recuperar o patrimônio danificado levaram o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, órgão do Ministério da Cultura –, a tombar o conjunto arquitetônico de São Luiz. O tombamento, que aconteceu no dia dez de dezembro de 2010, incluiu a preservação visual do entorno do centro histórico, que compreende o "mar de morros" que envolve a cidade e forma uma moldura que valoriza o casario. A área total de preservação visual ultrapassa 6,5 mil metros quadrados. São Luiz do Paratinga será um centro de referência em preservação de todo o Vale do Paraíba, com um escritório técnico do IPHAN, para promover a aproximação do Instituto com a população local. Nesse espaço serão realizadas atividades educativas e culturais como oficinas, seminários, palestras, conversas, orientação técnica, exposições e eventos em geral.

Uma Procissão Cultural

Para se comemorar o tombamento do centro histórico de São Luiz do Paraitinga aconteceu no domingo, dia 19 de dezembro, uma grande festa popular promovida pelo IPHAN e pela Representação Regional da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. O evento teve início às 13 horas, no coreto da praça da Matriz, com uma solenidade de que participaram representantes do IPHAN, da Secretaria de Cultura de São Paulo, da Câmara Municipal e a Prefeita da cidade. Constaram de extensa programação, durante toda a tarde, shows com as bandas Estrambelhados, Paramga, Novos Caipiras e Los Canteiros, e um espetáculo histórico, cultural, sacro e folclórico que percorreu o centro histórico com estandartes, bonecões, congadas, danças de fita e moçambique, guiado por uma banda marcial e a Fanfarra Municipal, representativo das diversas manifestações religiosas e pagãs da história da cidade. A festa contou com a participação de toda a comunidade. As atrações lembravam uma procissão cultural, comparadas em diversos lugares.

Acompanhadas por personagens folclóricos locais, as bandeiras guiavam o público para cada uma das estações culturais programadas para o evento. As bandas tocavam as famosas marchinhas luisenses, objeto de estudos para muitos pesquisadores da área.

Marcaram presença os bonecões – João Paulino e Maria Angu, além de atores pernas-de-pau e histriões, que conduziram o público durante todo o percurso da procissão cultural. Sendo a cidade portadora de uma tradição muito forte, o evento foi encerrado com a celebração de uma missa campal nas estruturas de reconstrução da Igreja Matriz.

São Luiz do Paraitinga é palco de diversas atividades culturais. Local de todas as artes e de todos os artistas. Berço de personagens ilustres. Cidade musical por excelência. O evento do dia 19 de dezembro fez parte de uma campanha do IPHAN e instituições parceiras, para chamar a atenção para essa cidade turística e seu rico patrimônio cultural. ***AC***

Fotos arquivo Pro-Memória

Recompondo mata ciliar e recuperando nascentes

Água e matas são indissociáveis. A vegetação, por ser diretamente relacionada à permeabilidade do solo, é determinante para a regularidade da vazão dos rios. A relação é ainda mais clara quando se trata da mata ciliar, que ladeia os cursos d'água estabilizando as margens, impedindo a erosão e o assoreamento dos cursos hídricos.

Protetores da água e da vida, as matas ciliares garantem a manutenção de nossos meios de produção hídrica. O Governo do Estado de São Paulo, por meio de sua Secretaria de Meio Ambiente, vem estimulando o seu plantio. Há uma estimativa de que mais de um milhão de hectares de mata ciliar precisam ser plantados no Estado de São Paulo.

Em Piquete, já há alguns anos, a Fundação Christiano Rosa vem recompondo a mata ciliar e recuperando as nascentes. Elaborou e está executando um ambicioso projeto de revegetar toda a extensão do Ribeirão da Limeira, formando um corredor ecológico. Esse trabalho, que teve início em 2007, vem sendo feito em etapas, após estudos elaborados por técnicos abalizados e com a anuência dos proprietários de terras cortadas por esse ribeirão. A Fundação tem como principal parceira nessa empreitada a IMBEL, uma vez que o Limeira tem suas nascentes nas matas preservadas da FPV.

No mês de dezembro foi concluída mais uma etapa desse trabalho, com recursos do Fundo Estadual de Recursos Hídricos – FEHIDRO/SP. Foram cercados e plantados 8 hectares em terras da IMBEL e recuperadas duas nascentes, com doze mil mudas de mais de 90 espécies da Mata Atlântica da região. As ações de recuperação da mata ciliar ao longo do Ribeirão da Limeira visam preservar a qualidade da água, impedir o desbarrancamento e reter sedimentos do processo de lixiviação do solo pelas chuvas. Além disso, favorecem a manutenção das vazões desse rio. O projeto de revegetação da mata ciliar do Limeira se insere num contexto mais amplo de proteção da biodiversidade.

Nos trabalhos na microbacia do Ribeirão da Limeira, elaborados pela Fundação, estão inseridos cursos de sensibilização da comunidade. Numa de suas fases foram ministrados cursos de educação ambiental, de viveirista, de coleta de sementes e produção de mudas. Esse projeto apresenta também um componente social, uma vez que a mão-de-obra utilizada nos plantios é de trabalhadores de Piquete. E as mudas plantadas nessa última etapa foram produzidas por viveiristas formados pela Fundação.

****

Pesquisa aponta a triste realidade de nossos rios

O Brasil é o primeiro país em disponibilidade hídrica em rios do mundo, mas a poluição e o mau uso comprometem esse recurso em quase todo o território nacional.

Recentemente, a Fundação SOS Mata Atlântica divulgou o resultado das pesquisas realizadas em 2010 com rios, córregos e lagos brasileiros. De acordo com a ONG, a situação é preocupante: nenhum dos corpos d'água analisados obteve avaliação positiva: 70% ficaram dentro do nível "regular", 25% dentro do nível "ruim" e 5% dentro do nível "péssimo".

Para reverter essa situação é preciso engajamento de toda a sociedade, cobrando-se do poder público ações eficazes para a recuperação de nossos rios. O principal problema nas cidades diz respeito ao esgoto doméstico. As cidades vão crescendo de maneira desordenada ocupando áreas de preservação e fazendo dos córregos e ribeirões a cloaca das cidades. A mobilização da sociedade é fundamental para a conservação da água, pois, embora seja um recurso fundamental à vida, é tratada com descaso. Os índices de saneamento básico e de áreas de preservação permanente conservadas no país são muito baixos, o que ameaça a saúde da população.

A legislação ambiental federal prevê que para a preservação de uma nascente de água são necessários 50 metros de raio de vegetação natural em torno do olho d'água.

A vegetação natural em torno da nascente é necessária para evitar assoreamento nos períodos de chuva. Além disso, é necessário ressaltar que uma nascente deve ser cercada para se evitar intervenções, como por exemplo, o pisoteio de gado. Isto também é infração à legislação ambiental.

Fotos arquivo Pro-Memória